

“O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MEU QUINTAL?”: PROJETO AGROECOLÓGICO QUINTAL ESCOLA CHICO MENDES.

Lara de Araújo Luzente ¹

RESUMO

O trabalho apresenta a experiência do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes, desenvolvido na Favela do Final Feliz, no Rio de Janeiro, território historicamente estigmatizado, mas marcado por fortes vínculos comunitários e práticas de cuidado com o lugar. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com base na observação participante e metodologias colaborativas que valorizam os saberes locais. O projeto articula agroecologia, soberania alimentar e construção de redes de solidariedade como estratégias de resgate da relação sensível entre sociedade e natureza no contexto urbano periférico. As oficinas formativas, ancoradas em vivências práticas e no diálogo de saberes, possibilitaram reflexões sobre o impacto do agronegócio, a lógica predatória do mercado e a potência dos quintais produtivos como espaços de resistência, pertencimento e Bem Viver. Os resultados evidenciam a ressignificação do quintal enquanto território afetivo, pedagógico e político, onde se produz alimento, memória, cultura e autonomia, rompendo com as narrativas que associam a favela apenas à carência e ao conflito. O projeto reafirma a centralidade dos saberes ancestrais, dos vínculos comunitários e da geografia do cuidado como caminhos para construir alternativas de existência mais justas, sustentáveis e enraizadas nos territórios.

Palavras-chave: Quintal produtivo, Saberes territoriais, Favelas.

ABSTRACT

This paper presents the experience of the Agroecological Project Quintal Escola Chico Mendes, developed in the Favela do Final Feliz, Rio de Janeiro, a territory historically stigmatized but marked by strong community bonds and practices of care for the land. The research adopts a qualitative approach, based on participant observation and collaborative methodologies that value local knowledge. The project integrates agroecology, food sovereignty, and solidarity networks as strategies to restore the sensitive relationship between society and nature within the urban periphery. The training workshops, grounded in hands-on experiences and knowledge exchange, fostered critical reflections on agribusiness, the predatory logic of the market, and the power of productive backyards as spaces of resistance, belonging, and Buen Vivir. The results reveal the backyard as an affective, educational, and political territory where food, memory, culture, and autonomy are produced, breaking with narratives that associate the favela only with lack and conflict. The project reaffirms the centrality of ancestral knowledge, community bonds, and geographies of care as pathways to build more just, sustainable, and territorially rooted ways of living.

Keywords: Productive backyard, Territorial knowledge, Favelas.

¹ Doutoranda do Curso de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO, laraprofessorageo@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a experiência do Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes, desenvolvido na Favela do Final Feliz, localizada no Complexo do Chapadão, zona norte da Cidade do Rio de Janeiro. A partir de uma perspectiva de pertencimento e conhecimento situado (Haraway 1988), busca-se compreender o papel do Quintal Escola como espaço de resistência, sociabilidade e soberania alimentar. O projeto surge como resposta às ausências históricas do Estado, especialmente agravadas durante a pandemia da COVID-19, evidenciando a importância da mobilização comunitária na garantia de segurança alimentar e sustentabilidade.

O debate teórico se ancora na crítica à visão de sobrevoo (SOUZA, 2011), que observa a favela de forma distante e estigmatizada, e na valorização dos saberes locais (HARAWAY, 1988; HOOKS, 2013; KRENAK, 2020). O projeto problematiza o imaginário construído pela mídia que associa o Complexo do Chapadão exclusivamente à violência, propondo um olhar atento às práticas de cuidado, cultivo e fortalecimento de vínculos comunitários presentes no território.

O objetivo é demonstrar como práticas agroecológicas desenvolvidas no Quintal Escola contribuem não apenas para a produção de alimentos, mas também para a construção de identidade, autonomia e resistência frente às dinâmicas socioeconômicas excludentes. A metodologia aplicada, os resultados obtidos e as discussões realizadas permitem vislumbrar a potência dos quintais urbanos como espaços educativos, culturais e produtivos.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida através da observação participante (BARTHOLL, 2018), uma vez que a pesquisadora é integrante ativa do Coletivo COE e moradora da comunidade. As práticas metodológicas se fundamentaram em oficinas presenciais e virtuais, rodas de conversa, dinâmicas de grupo e construção coletiva do conhecimento.

O desenvolvimento das atividades ocorreu em dois ciclos de oficinas no período de 2020 a 2022, com duração de sete meses cada. Foram utilizadas metodologias ativas inspiradas no “Sisteminha” da Embrapa, voltadas para pequenos espaços urbanos. As ações contemplaram temas como agroecologia, compostagem, manejo do solo, hortas verticais e soberania alimentar. Desse modo, a coleta de dados foi realizada por meio de formulários online, entrevistas informais, registros fotográficos e relatos dos participantes. Todas as atividades respeitaram os protocolos sanitários vigentes no contexto da pandemia e contaram com financiamento obtido via editais públicos² e apoio comunitário. A pesquisa não envolveu o uso de imagens de pessoas sem consentimento e seguiu os princípios éticos aplicáveis às ciências humanas.

² “Com o objetivo de auxiliar na resposta para o enfrentamento da pandemia da COVID19 e seus efeitos nas favelas, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) lança a Chamada Pública para Apoio a Ações Emergenciais de Enfrentamento à COVID19 nas Favelas do Rio de Janeiro.” Fonte: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-e-favelas-fiocruz-lanca-chamada-publica-de-apoio-populacoes-em-favelas>>



REFERENCIAL TEÓRICO

Neste momento se inicia uma reflexão fundamental para compreender estruturalmente os movimentos sociais, suas formas de organização, projetos que desenvolvem, os espaços que produzem e os territórios que dominam. Desse modo, o desafio é elaborar uma análise que leva em conta a dinâmica social e a produção do espaço como processos que se articulam e promovem um novo tipo de apropriação espacial, esse suporte de entendimento servirá de referências para construções teóricas dos movimentos sociais como categoria da geografia (FERNANDES, 2015).

Assim, a partir da participação ativa de pesquisadora no movimento social, surgem questões para utilizar a geografia como uma ferramenta potente para a discussão de apropriações espaciais. Associado a isto, a favela é um espaço favorável à construção desta teoria pois possibilita pensar em insurgências espaciais. Como já foi dito, esta leitura dos movimentos sociais parte de uma investigação militante, que pretende analisar os fatos através de uma pesquisa-ação. (BARTHOLL, 2018) Perante o exposto, a discussão do conceito de movimento social parte do princípio de que são grupos de pessoas organizadas que buscam discutir projetos de vida que assegurem uma melhor existência dentro de um determinado espaço-tempo, garantindo uma transformação de baixo para cima e assegurando uma mudança que seja de fato necessária para um determinado grupo.

Primeiro, é fundamental reconhecer o caráter heterogêneo dos diferentes movimentos sociais, não há um padrão organizacional a ser seguido e nem uma perspectiva única de luta. Santos (2011) busca definir os movimentos sociais, e afirma que “os movimentos nada mais são do que uma forma de ação social, estruturados sobre pactos possíveis através da difusão e solidificação de culturas cívicas e políticas.” Já Bartholl traz uma reflexão importante a respeito do conceito, para esse autor, movimentos sociais, “são iniciativas que permitem refletir sobre as relações entre múltiplas formas de resistência e como estas entram em jogo na constituição de territórios-de-resistência-rede nos quais estes grupos se inserem e que são construídos por eles.” (2018, pág. 80). Complementando essa ideia, Campos diz que “é movimento para alguém (ação) – ou para alguma “coisa” (atividade). Não há sentido pensá-lo por si mesmo, visto que apesar de existir fora da nossa vontade, a sociedade é que lhe dá validade.” (2014, pág. 49).

“Os movimentos atuais estão promovendo um novo padrão de organização do espaço geográfico, onde surgem novas práticas e relações sociais. A terra não é considerada estritamente economicista apenas como um meio de produção, superando uma concepção estritamente economicista. O território é o espaço em que se constrói coletivamente uma nova organização social, onde os novos sujeitos se instituem, instituindo seu espaço, apropriando-se dele material e simbolicamente.” (ZIBECHI, 2020, pág. 106)

Entender todo esse aporte teórico é muito importante para o fortalecimento dos movimentos sociais e de suas lutas, pois muitas vezes eles “são subestimados como meras tentativas reformistas de lidar com questões específicas” (HARVEY, 2014, pág.17). Para complementar essa crítica, Harvey (2014) complementa que “boa parte da esquerda tradicional tem dificuldade de apreender o potencial revolucionário dos movimentos sociais urbanos” (2014, pág. 17). Porém, há aqueles que estão lutando através do próprio cotidiano e precisam



ser notados e reverenciados pela sua existência. Para dialogar sobre o papel dos movimentos sociais Porto-Gonçalves (1998) afirma que sua principal função é “constituir novas afinidades, novas identidades, novos espaços em comum, novas comunidades de destino, novas territorialidades. E agora, sem dúvida, não mais 'por cima', pelos 'de cima' e para os 'de cima'”. Porto-Gonçalves (1998) também salienta a importância do processo da globalização para o entendimento das relações, a partir disso ele afirma que “tem possibilitado a esses sujeitos sociais a oportunidade de tornarem visíveis suas reivindicações, ensejando assim a emergência de uma sociedade civil organizada que, por sua vez, no lugar do esvaziamento do Estado clama por sua democratização como instância reguladora dos conflitos.”. Para continuar o entendimento sobre a relação do processo de globalização e da ação dos movimentos sociais, Porto-Gonçalves (1998), diz que:

Todos esses movimentos clamam por um estado democrático que os incorpore como interlocutores qualificados e, na sua prática, apontam concretamente que ele deve necessariamente estar articulado a dinâmica da sociedade global. Excluí-los da análise, como o fazem aqueles que enfatizam o caráter excludente do processo de globalização, já e de antemão excluídos do debate. E negar-lhes o que mais buscam, isto é, o direito de falar, de propor sua visão da di-visão da realidade social, enfim, o direito de cidadania. (Pág 29)

Entendemos aqui que a “era da globalização vem promovendo, então, a convergência dos olhares sobre os movimentos sociais e a afirmação do espaço enquanto dimensão fundamental da experiência social.” (SANTOS, 2011). Esse entendimento sobre o fenômeno da globalização relacionado ao fazer dos movimentos precisa ser enfatizado na medida que há uma ampliação de escala da atuação desses grupos sociais exigindo a participação e a inserção no processo de globalização que se mostra ainda mais excludente aos sujeitos pobres e suas pautas políticas. Sendo assim, Massey (2008) ressalta que a construção do sentido de lugar se relaciona ao pertencimento a uma comunidade local. Entretanto, a globalização determina a maneira como compreendemos o lugar, há uma influência do processo de globalização que se materializa no lugar por meio do acesso à tecnologia da informação. Aliado a isso, há uma estratégia do capital de determinar nossa compreensão e experiência sobre o espaço, desse modo, entendemos haver uma notória estratégia de apagar o sentido de lugar (MASSEY, 2008). Se há um interesse do capital em apagar determinados sentidos, é porque, por outro lado, existem tensões que acabam por desestabilizar a ordem hegemônica.

A partir disso, entende-se as cidades enquanto arenas de disputa, “no sentido que por mais que sejam templos de desigualdade, de expulsão e de violência, são também palcos de lutas urbanas. ” (SILVA, 2013) Neste contexto vivencia-se a consolidação de uma nítida tentativa de homogeneização dos lugares, por isso, identificar a singularidade dos lugares frente a globalização, se torna um princípio estimulador da ação dos movimentos sociais, pois, estes reconhecem que processos globais influenciam nas dinâmicas locais, isso acaba por interferir no pertencimento, memória e no cotidiano de um determinado contexto social. (MASSEY, 2008). Portanto, na busca em compreender o sentido global do lugar Doreen Massey (2008), não deixa de destacar a importância da busca do sentido de lugar a partir das experiências locais.



À vista disto, é no seio da sociedade moderna e globalizada que se estruturam “um conjunto de movimentos sociais e instituições do terceiro setor que movimentam milhares de moradores, seja em torno de projetos educacionais, culturais, políticos, esportivos ou outros, seja em torno de ações políticas reivindicatórias.” (FRANCO, 2016, p. 61) Os movimentos, articulações e mobilizações sociais são exemplos de que o povo está interessado em dialogar sobre suas demandas e construir um cenário de inclusão a partir da realidade de um espaço segregado, que no caso dessa pesquisa, a favela.

Contudo, independente da forte estigmatização socioespacial, a favela também é marcada por características que a colocam em contradição com a ideologia dominante, demonstrando que ela não existe apenas por carregar consigo os problemas, mas também por apresentar soluções a essas situações com base na solidariedade e na auto-organização popular. Assim, é preciso considerar a vida na favela e suas demandas, pois é a partir do cotidiano que surgem possibilidades de inventar no presente condições criativas para viver o hoje e o amanhã.

“produção do cotidiano revela os conflitos humanos, as contradições da sociedade situadas no conjunto de problemas humanos de nossa época. O cotidiano não se restringe às atividades de rotina, nem tão pouco a atos isolados, isto porque no cotidiano se realizam as coações e se gestam as possibilidades.” (CARLOS, 1996, p. 81).

Siniscalchi (2020) diz que “é na vida cotidiana que a produção-reprodução do espaço ganha concretude, torna-se vital para a pesquisa geográfica analisar as práticas espaciais e os sujeitos da ação social através da problemática do cotidiano.” (p. 48). Sendo assim, no próximo tópico será introduzida com maior robustez uma forma de organização popular que acontece em uma favela na zona norte do Rio de Janeiro e que expressa empiricamente o que pretendemos discutir: as dinâmicas organizacionais que emergem do cotidiano amparado pelo desenvolvimento desigual como anomalia estruturante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados evidenciam que o quintal, para além de um espaço físico, é um território simbólico de construção de memórias, saberes, afeto, resistência e identidade. A análise revelou que a maioria dos adolescentes participantes possuía algum vínculo prévio com práticas agrícolas, herdadas de pais, avós ou outros membros da comunidade. Isso confirma a existência de uma herança rural enraizada no cotidiano das favelas urbanas, muitas vezes invisibilizada no imaginário social sobre esses territórios. Associado a isso, as oficinas permitiram perceber que, embora houvesse práticas de cultivo doméstico, essas ações eram frequentemente desvinculadas de um entendimento teórico mais amplo sobre agroecologia, sustentabilidade e soberania alimentar. O processo formativo foi essencial para transformar saberes empíricos em conhecimentos politizados e críticos, promovendo não apenas o desenvolvimento técnico, mas também a reflexão sobre o papel dos participantes como agentes de transformação social.

As discussões sobre a diferença entre os modelos do agronegócio e da agroecologia geraram debates ricos. Os jovens passaram a compreender os impactos ambientais e sociais do uso de agrotóxicos, da monocultura, da mecanização e da concentração de terras. Com isso,

fortaleceram o entendimento sobre a agroecologia como prática de resistência e autonomia, sobretudo dentro de um contexto de insegurança alimentar historicamente negligenciado pelo Estado.

Entre os principais resultados materiais, destacam-se: a construção de doze canteiros de hortaliças agroecológicas, um viveiro com capacidade para cinquenta galinhas poedeiras e um tanque de doze mil litros para criação de tilápias. Esses equipamentos não apenas garantiram a produção local de alimentos, como também serviram como ferramentas pedagógicas para as oficinas. Houve ainda a distribuição periódica de cestas agroecológicas contendo hortaliças, ovos e peixes, beneficiando diretamente 25 famílias e, de forma indireta, aproximadamente 125 pessoas da comunidade. Além disso, o projeto também fomentou a criação de hortas nas casas dos participantes, impulsionando a autonomia na produção de alimentos. Esse processo não se limitou ao aspecto econômico, mas promoveu mudanças subjetivas, fortalecendo o senso de pertencimento, de cuidado com o território e de valorização dos saberes tradicionais.

No campo educativo, um dos elementos simbólicos mais potentes foi a adoção de codinomes ligados à natureza (como “Nuvem”, “Águia” e “Cachoeira”), que representaram não apenas uma estratégia de acolhimento, mas também uma metáfora viva da conexão entre os participantes e os elementos naturais, resgatando uma dimensão poética e afetiva do aprendizado. Outro aspecto relevante foi o impacto na conscientização coletiva, tanto em relação à produção de alimentos saudáveis quanto à prevenção da COVID-19, através de materiais educativos, cartazes, lambe-lambes e conteúdos informativos distribuídos virtualmente. Em síntese, os resultados mostram que o Quintal Escola Chico Mendes extrapolou a função de um espaço produtivo, tornando-se um território educativo, afetivo e político, onde a agroecologia se articula como ferramenta de transformação social, construção de autonomia, resistência cultural e reconfiguração das narrativas sobre a favela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Agroecológico Quintal Escola Chico Mendes demonstra que a favela é também espaço de vida, cuidado, produção e resistência. A partir das práticas agroecológicas, foi possível ressignificar o quintal como território de soberania alimentar, educação ambiental e fortalecimento comunitário. Os resultados revelam que a articulação entre saberes tradicionais, conhecimento científico e práticas comunitárias é capaz de enfrentar não apenas os desafios impostos pela insegurança alimentar, mas também os estigmas sociais que recaem sobre os territórios periféricos. Assim sendo, o projeto aponta para a necessidade de ampliar pesquisas e ações que valorizem os quintais urbanos como espaços estratégicos para a promoção da segurança alimentar, sustentabilidade e desenvolvimento comunitário. Fica evidente a urgência de políticas públicas que reconheçam e apoiem essas iniciativas, bem como o fortalecimento de redes de solidariedade e cooperação entre territórios populares.

REFERÊNCIAS

BARTHOLL, T. Favela e soberania alimentar. In: Vradis, A. et al. Favela, resistência e a luta pela soberania alimentar. **Consequência**, Rio de Janeiro, 2021, p.91-184

BARTHOLL, Timo. Por uma geografia em movimento: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro: **Consequência**, 2018.



CAMPOS, Andreilino. **Movimentos em estruturas “sócio-espaciais”: em busca dos sujeitos subalternos.** SILVA, Cátia; CAMPOS, Andreilino; MODESTO, Nilo. Por uma Geografia das existências: movimentos, ação social e produção do espaço. Rio de Janeiro: Consequência, p. 47-65, 2014.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista nera**, n. 6, p. 24-34, 2012.

FRANCO, Marielle. UPP: a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro [em linha]. abr. 2018.

GUHUR, M. R.; TONÁ, J. Agroecologia como prática social. **Revista Agriculturas**, v. 9, n. 2, p. 63-67, 2012.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-42, 1988

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** 2014.

HOOKS, Bell et al. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. **São Paulo: Companhia das Letras**, 2020.

MASSEY, Doreen; KEYNES, Milton. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações.** GEOgraphia, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Geografia e movimentos sociais no processo de globalização em curso: Apontamentos.** Boletim Gaúcho de Geografia, v. 24, n. 1, 1998.

SANTOS, Renato Emerson. Movimentos sociais e geografia: sobre a (s)espacialidade (s) da ação social. **Consequência**, 2011.

SILVA, Adriella Camila Gabriela Furtado; DOS ANJOS, Mônica de Caldas Rosa; DOS ANJOS, Adilson. **Quintais produtivos: para além do acesso à alimentação saudável, um espaço de resgate do ser.** Guaju, v. 2, n. 1, p. 77-101, 2016.

SILVA, Joseli Maria; CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira; PINTO, Vagner André Moraes. Fazendo Geografias Feministas: apontamentos sobre desobediências epistemológicas. **Análises geográficas sobre o território brasileiro: Dilemas estruturais à Covid-19.** Editora UNIFAL–MG, p. 14-29, 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **A cidade, a palavra e o poder: práticas, imaginários e discursos heterônomos e autônomos na produção do espaço urbano.** A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, p. 147-166, 2011.

ZIBECHI, Raúl. **Movimentos Sociais na América Latina: o “mundo outro” em movimento.** Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

